

## *Pai Edu comemora Abolição*

Uma grande festa em comemoração à Abolição da Escravatura será realizada, a partir das 20 horas de hoje, no Palácio de Iemanjá, quando o babalorixá Pai Edu fará oferendas de comidas tradicionais nas seitas africanas, como "jequeté" — bebida preparada com gengibre; amalá — feita da rabada do bol, com quiabo; obeguín — preparada com bagre e oferecida a Xangô; acaçá — preparada com milho e oferecida para todos os orixás; abaluaê (pipoca), entre outras.

Segundo Pai Edu, a mais tradicional comida que será oferecida hoje, na homenagem aos escravos mortos, será o angu à baiana cuja receita lhe foi transmitida por "Zé Balano", um filho de escravos que nasceu e morreu na Baixa do Sapateiro, filho de Iansã e orientador do babalorixá.

### **JUSTA HOMENAGEM**

Disse Pai Edu que deixar de prestar uma homenagem aos negros africanos seria uma injustiça, já que foram eles que tanto sofreram e lutaram pela preservação da seita do candomblé, que era culto proibido pelos brancos. "Nós os pais de santo, que vivemos bem hoje, devemos isso aos que iniciaram a seita, o que lhes custou lágrimas e dores, mesmo depois da abolição".



A escravidão moderna foi introduzida por Portugal, em meados do século XVI. Senhores exclusivos da África, os portugueses tornaram-se responsáveis pelo impulso dado ao tráfico negreiro, a que recorreram para iniciar a colonização das terras recém-descobertas da América. E, à medida que malograva no Brasil a tentativa de escravizar o índio, foi-se incrementando a vinda da mão-de-obra escrava africana. Esse tráfico vigorou durante quase ... 300 anos.

Os escravos africanos já eram trazidos para o Brasil desde o início da colonização: sabe-se que os primeiros vieram com Martim Afonso de Sousa, o fundador de São Vicente, em 1532. Em 1538, Jorge Lopes Bixorda contratou a vinda de negros da Guiné, e, em 1549, um alvará expedido por Dom João III determinou que fossem remetidos 120 escravos da Guiné e da Ilha de São Tomé para cada um dos engenhos de açúcar em funcionamento no Brasil. Mas só em 1568 esse tráfico foi sistematizado, através de um ato do Governador-Geral do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá.

Do século XVI ao século XIX, companhias portuguesas, espanholas e inglesas transportaram, continuamente, escravos das costas africanas para o Brasil. Apesar da lei Eusébio de Queiroz, de ... 1860, que proíbia as viagens de navios negreiros e punia os infratores com severas medidas de ordem policial e judiciária, os desembarques ainda continuaram por algum tempo. O último, de 209 indivíduos, teve lugar em Sirinhaém, Pernambuco, em 1855.

Até a metade do século XVII, os negros vinham, principalmente, para os engenhos do interior de Pernambuco e da Bahia — as grandes fontes de riqueza da economia colonial. No século XVIII, os empórios de vendas concentravam-se em Salvador e também no Rio de Janeiro. Dessa época até o fim do tráfico, a mercadoria humana que se destinava às plantações de café escoava para o Grão-Pará e o Maranhão, dali derivando para as regiões agrícolas do Rio e São Paulo.



O  
negro  
violentado  
nos  
seus  
direitos  
de  
ser  
humano,  
deixaria  
no  
Brasil  
a  
lição  
de  
sua  
coragem.



Nas  
bordas  
das  
navios  
negreiros  
nasceia  
a  
insia  
de  
liberdade.

A concentração de escravos nas várias regiões do País acompanhou a expansão das atividades monocultoras. Com o descobrimento das riquezas minerais, eles se irradiaram pelo sertão enviados para Minas, Mato Grosso e Goiás.

Temos idéia de que um escravo custava de 20 a 30 libras esterlinas, mas não é possível determinar a procedência e o número exato de africanos que entraram no Brasil pois de acordo com a lei de 1412/1890 proposta por Ruy Barbosa, foram destruídos praticamente todos os documentos relativos ao período da escravidão. Calcula-se, entretanto, que cerca de 3.300.000 negros tenham desembarcado nas costas brasileiras.

É preciso considerar também que a população africana trazida para o Brasil sofreu uma contínua e profunda desculturação, consequência da política de dissolução dos grupos regionais, cujo objetivo era o de garantir a segurança dos senhores brancos (isso não impediu que as reações negras fossem numerosas e uma delas, pelo menos — a de Palmares — revelasse elevada consciência política por parte dos escravos).

As reconstituições mais modernas das culturas negras depois desse processo de descaracterização, parecem indicar que o negro brasileiro se origina de três grupos africanos principais: os sudaneses, de Gâmbia Serra Leoa, Libéria, Senegal, Costa do Marfim e sul da Nigéria; os guineanos-sudaneses, da Guiné e do norte da Nigéria; e os bantus abrangendo tribos do grupo angola-congolês e do rupe da Contra Costa (Moçambique). Essa variedade de origens explica bem a diversidade de traços culturais encontrados entre os membros da raça negra no Brasil.

#### NASCE UM IDEAL

Podemos considerar o padre português Manuel Ribeiro da Rocha, autor do livro "Etiope resgatado, empenhado, sustentado corrigido, instruído e libertado" (Lisboa, 1758), como o precursor do ideal abolicionista no Brasil. Sabemos, por outro lado que um dos objetivos visados pela Inconfidência Mineira de 1789

era a abolição da escravatura.

A partir daí, vozes isoladas de intelectuais começam a defender a idéia da abolição. Surgem Hipólito da Costa, em artigos no seu *Correio Brasiliense* (jornal publicado em Londres, de 1808 a 1822); e Manuel da Costa com a "Memória sobre a necessidade de abolir a introdução dos escravos africanos no Brasil, sobre o modo e condições com que esta abolição se deve fazer, e os meios de remediar a falta de braços que ela pode trazer, oferecida aos brasileiros, seus compatriotas" (Coimb., 1821).

E logo depois de proclamada a Independência, diria José Bonifácio que ao lado da Imperatriz Leopoldina, impulsoria a nossa emancipação da Metrópole: "É tempo de irmos acabando, gradualmente até os últimos vestígios, a escravidão entre nós, para que venhamos a formar, em poucas gerações, uma nação homogênea sem o que nunca seremos verdadeiramente livres, respeitáveis e felizes".

Depois que, no Congresso de Viena (1815) se propôs a extinção do tráfico de negros, a Inglaterra tomou a seu cargo patrulhar os mares e apreender os negreiros portugueses ou espanhóis. Essa atitude aparentemente humanitária, servia, na realidade, para acobertar a política mercantilista britânica.

Etapas importantes para o desaparecimento da escravidão no Brasil foram a promulgação da Lei do Ventre Livre (1871), que libertava todos os brasileiros nascidos de pais escravos e a lei de setembro de 1888, que emancipava os negros a partir de 65 anos de idade. Ficava, assim, praticamente extinta a escravatura, pelo estacamento das fontes: a importação e o nascimento — e pela libertação gradual e inevitável de todos os que ainda se encontravam em servidão. Até o final do século estaria provavelmente solucionado o problema do escravo, sem que isso trouxesse graves problemas à economia do País.

Caio Prado Júnior ("História Econômica do Brasil") nos apresenta o seguinte quadro da população do Brasil Império, a partir de 1823:

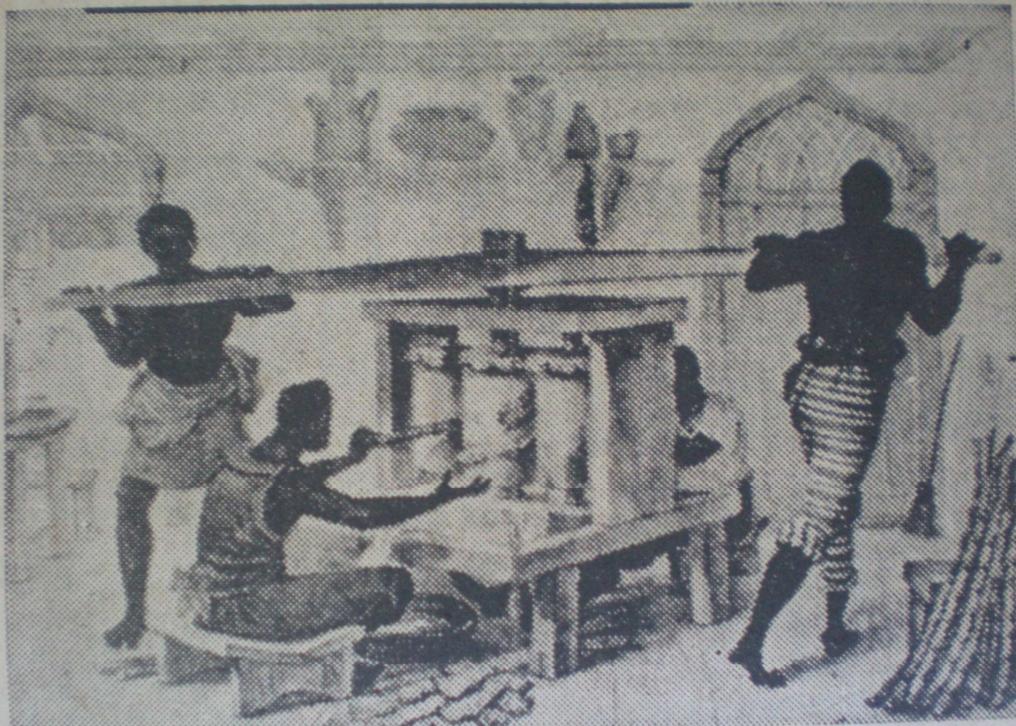
ANO	ES CRAVA	LIVRE	GERAL
1823 (estimativa)	1.147.515	2.813.351	3.960.866
1850 ( " )	2.300.000	5.530.000	8.030.000
1872 (recenseam.)	1.510.806	8.601.255	10.112.061
1887 (censo of.)	723.419	—	—
1889 (estimativa)	—	—	14.000.000

#### O BRASIL SEM ESCRAVOS

Cedendo às pressões políticas do grupo abolicionista a Regente Princesa Isabel, estando ausente o Imperador, assinou o projeto apresentado à Câmara dos Deputados pelo Ministro Rodrigo Silva, que declarava extinta a escravidão no Brasil.

Narra Evaristo de Moraes no seu

"A Escravidão Africana no Brasil": "No Arsenal da Marinha, era aguardada por grande massa popular que a acompanhou (a Princesa) até o Paço, na hoje Praça 15 de Novembro. Fora o edifício invadido por pessoas de todas as classes sociais. Derredor dele, moviam-se para mais de cinco mil pessoas presas de transbordante entusiasmo, numa expan-



*Durante muito tempo, a economia brasileira baseou-se no trabalho do negro.*

são incoercível de sentimentos efusivos. Assinados os autógrafos, ouviram-se estrepitosas aclamações nas janelas do Paço e na rua. Como alucinado, José do Patrocínio atirou-se aos pés da Princesa procurando beijá-los. De uma das janelas Joaquim Nabuco comunicou à multidão que não existiam mais escravos no Brasil".

Entretanto, a lei de 13 de maio de 1888 libertou, num momento em que a nação não se achava preparada para isso, mais de 800.000 brasileiros sem instrução desacostumados a tomar suas próprias decisões e considerados subalternos e racialmente inferiores" pela população branca, e cujo destino seria engrossar, numa população de 14.000.000 de habitantes, a massa de mão-de-obra desempregada. Nessa brusca integração do negro à sociedade encontram-se as raízes das condições de marginalização em que se acha ainda hoje, infelizmente, a grande maioria da população de cor.

Para os abolicionistas, na realidade, para Nabuco, Patrocínio, Rebouças, Dantas e outros, que reconheciam as causas dos males profundamente enraizados na nação, a abolição da escravidão fora apenas um muito importante primeiro passo para a democratização do Brasil. Tal como já o vinham dizendo há anos, ainda havia muito a fazer se o país quisesse libertar-se dos efeitos de quase quatro séculos de desigualdade e de trabalho forçado. Os sistemas agrá-

rio e educacional pouco haviam mudado, os valores e os privilégios de classe quase não tinham sido afetados. Uma série de costumes e hábitos tinham sobrevivido à escravidão, para condenarem a maioria dos libertos e seus descendentes a uma condição social e econômica inferior.

Segundo Robert Conrad ("Os últimos anos da escravidão no Brasil"): "A escravidão fora abolida por meio de uma dura e complexa luta na qual os abolicionistas tinham parecido Davids enfrentando Golias de tradição e de vasto poder econômico. Libertar os escravos, contudo, fora o mais fácil dos objetivos que os reformistas se haviam dado, já que a escravidão, na verdade fora destruída por forças que a tinham minado durante a maior parte do século XIX: o repúdio internacional da escravidão, que acabara com o tráfico africano e eliminara a principal fonte de trabalhadores das fazendas; o declínio gradual da população cativa depois de 1850, principalmente devido a um excesso de mortes sobre nascimentos; o comércio interprovincial de escravos que concentrara escravos e defensores da escravidão nas províncias do café; a abolição da escravidão nos Estados Unidos que ajudou a inspirar a política nacional de lenta emancipação através do "ventre-livre"; uma lenta, mas persistente erosão da opinião pró-escravidão, em especial nas cidades e nas províncias mais pobres; e, finalmente, a não divulgada resistência

dos próprios escravos, que reduziu a eficiência do sistema escravocrata e culminou no movimento de fugas em massa de 1837 e 1838".

#### A GRANDE HERANÇA AFRICANA

Já tivemos oportunidade de considerar as influências que a cultura brasileira exerceu sobre o elemento africano no seu próprio solo. Visíveis, latentes, profundas, são as influências africanas sofridas pelo povo brasileiro, durante o período da escravidão negra e bem depois dele.

Essas influências se fizeram sentir na religião na culinária, na indumentária, nos vários aspectos da vida do brasileiro. A religião, principalmente, desenvolveu-se de maneira extraordinária, tendo, ainda hoje, um sem número de adeptos. Podemos considerar, então:

A cultura sudanesa pertence o grupo negro de maior significação na Bahia — o ioruba. Sua religião — politeísta fetichista é cultuada em templos denominados terreiros, nos quais se encontram os pejis (altares) de seus orixás (santos). O culto à divindades suprema — Olorum — é feito através dos intermediários orixás sobressaindo entre estes: Xangô, deus do trovão; Ogum, deus da guerra; Iemanjá, das águas; Oxossi, da caça (identificado com São Jorge); Ibeji, os gêmeos (São Cosme e São Damião); Exu, entidade maléfica, correspondendo ao demônio.

Os candomblés são as cerimônias realizadas nos terreiros pelos babalorás (pai-de-santo), auxiliados pelas mães-de-santo e filhos-de-santo. São eles que preparam o ebó ou "despacho", cuja finalidade é a de afastar o mal causado por determinada pessoa.

A culinária é representada por um grande número de iguarias: vatapá, acarajé, abará, acaçá, para só citar os principais quitutes todos eles muito condimentados. A indumentária, por sua vez, caracteriza-se pelo exagero ainda hoje tão típico na popular "bainha", com seus inseparáveis turbantes, xa-es e salas rodadas, colares de miçangas, braceletes e toda sorte de "balangadãs".

Transplantado para terra estranha, o negro marcou profundamente a civilização que aqui se formou. Espoliado, perseguido, açoitado, dilacerado nos seus sentimentos ele foi o braço para o cultivo da cana, do café, do algodão. Dolorido e amargo, ele foi a alma que forjou os caracteres que constituíram esta Nação. E mais três séculos terão que passar quem sabe, até que possamos nos redimir de todos os erros e pecados dos nossos antepassados brasileiros e fazer deste País o que ele espiritualmente tem sido: a terra de todos os povos, de todas as raças e de todas as crenças.

Ainda assim, não pagaremos ao negro a grande lição de fé e coragem que nos foi transmitida, na angústia e no desespero de sua luta, em quase quatro séculos de História.

## *Recife faz comemoração ao 13 de Maio*

Uma exibição do Maracatu Indiano, no pátio do Museu do Estado e uma exposição sobre o negro, foram os pontos altos dos festejos de ontem, comemorativos do aniversário da libertação dos escravos. Nos colégios e na Câmara Municipal, a data foi lembrada com trabalhos escolares e poesia alusivos à data. (3a. página)



